

Desemprego pode se agravar

A situação de desemprego no País se agravará consideravelmente no segundo semestre, se se confirmarem as previsões sobre um crescimento de apenas 2,5 por cento no Produto Interno Bruto (PIB). É relativamente simples determinar a gravidade da situação, já que para assegurar a absorção de 1,5 milhão de novos empregos por ano o País teria que crescer, no mínimo, na base de cinco por cento ao ano.

A conclusão é do economista João Paulo de Almeida Magalhães, que considerou a situação de desemprego prevista para o segundo semestre como uma das mais complexas dos últimos anos.

Segundo ele, as estatísticas oficiais registram como desempregado apenas o cidadão que perdeu o emprego, não incluindo a grande massa de mão de obra que não chegou a ingressar no mercado de trabalho, isto é, que nunca teve vínculo empregatício estável.

Como é quase certo que a taxa de crescimento do PIB fique

por baixo do que seria necessário para gerar 1,5 milhão de novos empregos — para os economistas mais rigorosos ela teria que chegar a 6,5 por cento ao ano — é de se esperar que aumente consideravelmente o desemprego real e o emprego disfarçado (subemprego ou biscoite).

Quando as estatísticas, portanto, registram aumento do desemprego no País, estão refletindo o aumento do número de pessoas que estão perdendo o emprego, não referindo-se ao número considerável de pessoas que foram mantidas à margem do mercado de trabalho. Ou seja, que chegaram a idade de trabalho (o que já é bastante discutível) mas não conseguiram uma chance.

PREVISÕES PARA O ANO

Na opinião de Almeida Magalhães, o crescimento do PIB não deverá ficar abaixo de 1,5 por cento este ano, uma vez que a taxa de crescimento da população brasileira está em torno de 2,5 por cento ao ano,

determinando uma espécie de piso mínimo de crescimento.

— O crescimento da população exige a manutenção de determinados gastos e investimentos — explicou — que garantem atividade limite para a economia do País. É provável, portanto, que a indústria apresente um crescimento em torno de dois por cento este ano, a agricultura cerca de 10 por cento e o setor de serviços apresente uma taxa derivada das duas outras.

Almeida Magalhães acredita que a inflação ficará por volta de 100 por cento, subindo, na pior das hipóteses, para 110 por cento, no fim do ano.

— A melhor notícia, no fim deste ano, poderia vir através do balanço comercial, pela via da estagnação das importações. Numa hipótese pessimista o ano poderia ser fechado com déficit comercial de US\$ 1 bilhão, mas, na otimista, o País chegaria ao equilíbrio comercial (valor das importações semelhante ao das exportações).